



## De diretoria e delegacia



Patrícia  
Ozores Polacow

É jornalista e pesquisadora

Não foi de propósito que, em meu último texto, publicado no mesmo dia em que o **JP** noticiou o vergonhoso cartaz da Esalq, fiz referência a uma Piracicaba progressista e adiantada. Mas foi bom para termos noção desse contraste que grita na comparação entre a cidade que ainda respirava a passagem esclarecedora de um Luiz de Queiroz por estas bandas, e o espaço obscuro, atrasado e viciado que permite a perpetuação do costume criminoso que é o trote. Coexistem, na Esalq, uma mentalidade sadia e aberta, que produz ciência, progresso, uma vida universitária rica e criativa, e uma cultura sombria e doente que nutre isso que há de podre na história da Gloriosa. Todo mundo sabe. Até quando?

Ocorre que o trote da Esalq teve início naqueles mesmos anos, sendo costume centenário, portanto. Não sei dizer exatamente quando ou como ele transformou nessa aberração que vemos hoje. Mas há muito tempo não é bem aceito pela população e aferir isso é fácil. Basta recorrer às antigas edições do Jornal de Piracicaba e o leitor verá também que tampouco a imprensa da cidade aceitou calada esses absurdos. Há muitas décadas sabe-se que o trote da Esalq não é algo normal e que o número de suas vítimas é incontável, sem mencionar aqueles que suportam calados o que lhes aconteceu. Até objeto de estudo acadêmico já se tornou.

O trote não ocorre no espaço privado das residências de um aluno. Ocorre nas repúblicas — que se não são legalmente extensões da instituição o são em espírito — quando não nas ruas da cidade e na própria Escola. Ele é, por natureza, extensão da cultura universitária onde germinou. É permitido e reafirmado pela direção da Escola sempre que esta que não dá conta de inibi-lo, ano após ano.

Claro que não estamos falando de brincadeiras de integração e diversão, ou do costume dos chapéus, festas ou cervejadas, mas de toda uma cultura da submissão que tem código de

conduta e literatura próprios. Que institui privilégios a elementos já iniciados. Que tem componentes ideológicos marcadamente sádicos, machistas, sexistas, homofóbicos e de classe. E que é tão emaranhada na rotina da escola e viceja com tanta força que continua a ocorrer normalmente ao mesmo tempo em que autoridades instituem CPIs para apurar denúncias e a imprensa lança seu olhar indignado para dentro do campus. Ultrapassa a recepção dos calouros. Torna-se o salvo-conduto do abuso gratuito.

Foi horroroso ver aquele cartaz. Foi horroroso ler na imprensa a opinião do presidente da CPI que investigou os trotes nas universidades de São Paulo: "Piracicaba (Esalq) é a campeã da tortura, da vergonha. Dava para fazer uma CPI só da Esalq".

Há alguns anos, depois de expor publicamente minhas ideias sobre o trote, um egresso da Esalq me disse que eu não era capaz de compreender o elo que se formava entre os alunos. Que ele poderia ir a qualquer lugar do Brasil e seria tratado por seu apelido (claramente preconceituoso, embora ele achasse que valia a pena relevar esse detalhe), seria tratado como irmão. Que fique então claro que nem todos estão dispostos a relevar. Que alguns alunos passam os anos todos da faculdade humilhados. Que mentem em casa para não congelar o coração dos pais que acham que os filhos realizam alegremente seus sonhos. E que, depois de tudo isso, encontram na vida profissional aquela pessoa que os humilhou e o violentou e têm que engolir a lembrança daquele pesadelo, mais uma vez.

Que a diretoria da Esalq assuma, com todos os ônus, que o trote que se pratica na Escola não é admissível sob nenhuma análise. É crime, não um pequeno excesso de jovens cheios de vida. Caso para diretoria ou delegacia, que a Escola encontre os caminhos.

A violência na Esalq vai durar até quando chegar à direção uma nova geração de acadêmicos esalqueanos que não pratica, não tolera, não releva e não ignora o trote. Se chegar.

Toda a solidariedade aos alunos e alunas da Esalq que sofreram o abuso doentio da semana passada. "Machistas, não passarão!"

